

CONTO**A LONGA NOITE DO PAPAI NOEL**

Por Maria Aparecida Coquemala

Engordei demais, nem sequer faço a barba, agora se encaracolando, sequelas do desemprego que já dura anos. Mais uma vítima do capitalismo selvagem, vivo repetindo, plagiando políticos, talvez porque me tenha tornado preguiçoso até para ter ideias próprias. De algum modo, tento me justificar, mais ainda perante minha mulher, um contraste. Inesgotável a energia que a move, trabalhando na escola, vendendo cosméticos, cuidando da casa. E condescendente comigo, porém sei o que ela pensa, sou vítima, sim, mas do temperamento briguento, daí que poucos me aturam. Sintomaticamente, adora a citação das mulheres nordestinas, homens são todos diferentes, mas marido é tudo igual.

E aconteceu naquela noite, em frente à loja de brinquedos, Natal chegando. Uma criança me chamou de Papai Noel, grudando-se em mim, pedindo presente. Amarrei a cara, repeli o guri importuno, falei um palavrão. O tempo tinha esfriado, lá estava eu de jaqueta vermelha, gordo, barba e cabelos prematuramente grisalhos. Natural que o menino se confundisse. Minha mulher apaziguava, sem conseguir segurar a risada.

E daí lhe viera a ideia: por que não fazer uns bicos como Papai Noel, um modo de ganhar algum trocados sem muito esforço? Ajudaria nas inevitáveis despesas de fim de ano. Sugestão que topei de má vontade, não temos filhos, nem sei lidar com crianças.

Assim, me tornei um entre os papais-noéis de uma grande loja de brinquedos. E na véspera do Natal, parti para as entregas. Já no primeiro semáforo, o guri humildinho se aproxima, gesticula apontando os sacos de presentes, quer um, tantos no carro. Abaixo o vidro, me compadeço, é preciso explicar que nada ali me pertence. Guri que aponta um revólver enorme, ou leva presente ou atira. No sufoco, pego qualquer um. Prossigo, paro na lojinha ainda aberta, compro o macaco made in China, que requebra cantando ai, Chiquita, linda muchacha, te quiero mucho...

Reposto o presente, parto para as entregas.

Como poderia imaginar que crianças de aparência inocente pudessem atormentar Papai Noel com suas artes? Mal termino a entrega do primeiro presente, o menino, sorrateiro, tenta me arrancar a barba. Barba que é minha mesmo. Leva beliscão, grita feito doido, mamãe não entende, mas papai, sim, autor intelectual da safadeza. Tudo explicado entre risadas. Controlo impulsos assassinos jamais imaginados.

Prossigo, encontro o belo sobrado no bairro nobre, todo iluminado, imagino gente sofisticada à espera de presentes caros. No salão mergulhado no esplendor dos lustres de cristal, me surpreendo: só ela e tão velhinha, os poucos cabelos brancos, rugas se entrecruzando nas faces, traje de festa, passou dos oitenta, posso imaginar. Cadê a família, convidados? Faz-me sentar, serve champanhe, fazemos um brinde, feliz Natal, a mim, a ela, ao Abílio... Abílio? Que Abílio? Prepara-se para receber os presentes, passo-os devagar, solene. Vai abrindo cuidadosa um estojo, acaricia o colar, explica,

- Abílio gosta de pérolas... Gosta de me ver com joias.

Abre outra embalagem, pega o livro,

- Os sonetos líricos de Camões, edição antiga, encontrei num sebo. Abílio gosta de declamá-los. Ouça estes versos: a cordeira gentil que eu tanta amava, perpétua saudade da minha alma. Abílio está aqui, a saudade o traz de volta. Observe este quadro. Adquiri de um marchand francês. Tão perfeita a mensagem de amor nos olhos que se fitam, amor até além da morte, como todo verdadeiro amor. Como Abílio gosta de telas que me falam ao coração.

Quero dizer alguma coisa, reforçar-lhe a crença no marido presente, a emoção me corta as palavras. Do mais fundo do coração, fico desejando que Abílio e tantos outros velhinhos reencontrem suas companheiras em seus vestidos de festa e colares de pérolas, declamando poemas líricos, nesta surpreendente noite de Natal.

Um serviçal aparece, pergunta se fico para a ceia. Agradeço, gostaria, mas tenho outras entregas, desculpassem, me despeço, ainda sem saber o que dizer à madame nesta noite de Natal sem a presença do marido. Ou presente? Quem é que sabe?

Continuo, chego à mansão, o empertigado mordomo me atende, e eu que pensava que mordomo fosse espécie extinta, coisa agora só de romance policial, sempre culpado de ocultação de cadáver. E ali um bem vivo e solene. Tantos os convidados, me atrapalho, mas, enfim, entrego o presente ao rico menino. O macaquinho canta e dança, a cara de todo mundo é estranha, ninguém acha graça. Papai Noel, eu pedi aquele maravilhoso celular faz-tudo, dá até pra ver filminho e fotografar, procure direito aí no saco. Chamo papai a um canto, gaguejo, tento me explicar, falo do menino de rua, da arma, do presente trocado. Papai me olha desconfiado. Vai telefonar à loja, alguém vai ter que devolver o dinheiro etc, etc e etc. Saio, levo o macaquinho ainda cantando. Deixo pra pensar depois como pagar o celular, já imaginando o moleque de rua vendendo-o por alguns trocados e montando a própria festa.

Mais uma entrega, a menina me espera sentada, quieta, na sua cadeirinha enfeitada. Levante, meu amor, tento ser gentil, Papai Noel chegou com lindos presentes para você. Menina que não levanta, só então percebo, está doente, pernas e braços fininhos. Mamãe chora, papai ficou sério. Papai Noel gostaria de ser pássaro, voar pela janela aberta, desaparecer no infinito céu estrelado. E voltar com a mágica de devolver a saúde às crianças doentes em suas caminhas e cadeirinhas enfeitadas.

Tantas as entregas já feitas, sinto as botas apertando, os pés incharam, devo ter bolhas, a dor incomoda. É a penúltima entrega, subo a escadaria, me aguardam lá em cima, todo mundo cantando, *noiiiiiti felizzzz...* Tantos os menininhos e menininhas. Mas tenho que descer, errei de saco, era o outro, o imenso. Subo outra vez, os pés doem, meu Deus, como aceitei a sugestão da louca da minha mulher sem pensar nas implicações?

Já rodei quilômetros, estou na periferia, última entrega, é meia-noite, bebi mais do que devia. E afinal, onde moram Leide Daiane e Lovenilson? Que nomes, pqp!

Enfim, a pequena casa. Papai, mamãe e filhos à porta, ansiosos, sorrindo, o vira-lata latindo sem parar. Tem carrinho de plástico para Lovenilson, Barbie chinesa para Leide. E me pergunto quem teria patrocinado a entrega de tão míseros presentes e assim fazendo a alegria de uma família inteira.

Tenho que ficar para a ceia natalina, é parte do programa deles, está na mesa, mas ceia composta de latinha de cerveja, tubaína, frango assado, arroz com feijão, sagu na sobremesa ou algo parecido. Jamais gostei de frango. E arroz e feijão à meia-noite não me apetece, porém decido ficar, honrar a pobre gente. Então me lembrei do macaquinho, que encheu a pequena sala de requebros, a musiquinha saindo pela janela, se espalhando pela rua... Vizinhos vieram e juntaram-se a eles com suas pobres ceias, a pequena casa se enchendo de tal modo que trouxeram também cadeiras e mesinhas, se espalharam pelo quintal. E vieram gatos e cães, até um papagaio apareceu. Um casal chegou, tão pobrezinho, de nomes Maria e José, assim se apresentaram. E todos acharam que uma das estrelas brilhava mais ainda, envolvendo tudo numa luz dourada. Três homens que passavam pediram licença, de algum modo queriam também confraternizar, então presentearam o casal pobrezinho com seus modestos pertences: um velho relógio de pulso, uma escura correntinha dita de prata e uma aliança sem brilho. Mas aceitos como joias preciosas naquele momento mágico. Posto o que, também comeram e beberam, depois humildes se despediram e se foram, Maria e José com eles. Ainda se ouviu o ronco do carro partindo a toda... E alguém, súbito, se lembrando que todos tinham chegado a pé.

Volto com o sol nascendo. Como explicar à minha mulher as desventuras da noite que findava, carro roubado, pagamento do celular do menino rico? Então a presenteio com o macaquinho requebrando e cantando, *ai, Chiquita, linda muchacha, te quiero mucho...* Estrelas brilham em seus olhos...

Paz na terra às mulheres de boa vontade...

***MARIA APPARECIDA COQUEMALA** (SÃO PAULO) - Escritora. Premiada pela UBE, Rio com A Gruta Azul e Carnaval; pelo Governo da Paraíba, Correio das Artes, com À Espera e pela Ed. Porto de Lenha, Gramado, RS, com Vozes da Primavera, todos coletâneas de contos. Na literatura infanto-juvenil, publicou Naná e o Beija-flor; na poesia: Pulsar e À margem da vida. Participa de antologias de contos premiados no Brasil, Uruguai, Portugal e Itália.